

CURRÍCULO, INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**SPCE24-10078****O “pesadelo da organização total” na contramão da autonomia curricular do professor**

Maria Helena Damião - Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)

Cátia Delgado - Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)

Andrés Palma Valenzuela - Universidade de Granada / Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)

Sob influência da teoria behaviorista foi instituída uma figura que ficou conhecida por “currículo-à-prova-de-professor”: pressupondo-se que muitos professores seriam incapazes de planificar e lecionar de forma eficaz, deveriam ser-lhes facultados todos os materiais pedagógico-didáticos que lhes permitissem desenvolver, de forma uniforme, o currículo oficial. Acontece que a investigação cognitivista evidenciou uma assinalável incoerência entre essa proposta e aquilo que a docência exige: decisões contínuas em função da especificidade das circunstâncias. Apurou, por exemplo, que os professores experientes escolhem um rumo – “rotina” – para cada aula que lhes permite, na interação, acompanhar a evolução da aprendizagem. Esperar-se-ia que este resultado levasse ao reconhecimento da sua autonomia no campo de ação pelo qual são responsáveis. Não foi o que aconteceu: entidades privadas nacionais e transnacionais – editoras de manuais e várias outras empresas e fundações – passaram a operacionalizar o currículo oficial e a “oferecê-lo” aos professores, dispensando-os dessa tarefa. Isto com progressivo acolhimento, reconhecimento e colaboração dos Estados, das escolas e, mesmo, dos professores. A situação acentuou-se com a digitalização e a glocalização, que, conjugadas, permitem o acesso direto dessas entidades aos professores, aproximando-se, em certos países e regiões do que Huxley designou por “pesadelo da organização total”. Sendo-lhes retirado espaço, conhecimento e confiança para pensarem a sua ação, coloca-se-lhes, ao alcance de um “click”, o que devem fazer para alcançarem o “sucesso”. Daqui emergem múltiplos problemas: subordinação desse currículo a interesses particulares, padronização e controlo do ensino, mas, sobretudo, é a condição do professor como profissional intelectual que se esvanece. A apresentação proposta incide nesta situação: esclarece-se a sua normalização acrítica nos sistemas educativos, mesmo entre professores e organizações que os representam, e sistematizam-se contributos teóricos de relevo que, em sentido contrário, reafirmam a dita condição, com argumentos que vemos necessário serem integrados no discurso sobre o ensino e a formação de professores.

Palavras chave: “Currículo”, Ensino, Digitalização.

Biesta, G. (2018). O dever de resistir: sobre escolas, professores e sociedade. *Educação*, 41(1), 21-29. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29749> Huxley, A. (1959/ 2000). *Retorno ao admirável mundo novo*. Bertrand.

Meyer, J. (2000). Globalização e currículo. In A. Nóvoa, & J. Schriewer (Eds.), *A difusão mundial da escola* (pp. 15-32). Educa.

Parreira do Amaral, M., & Fossum, P. R. (2021). Education gone global: Economization, commodification, privatization and standardization. In A. Wilmers, & S. Jornitz (Eds.). *International perspectives on school settings, education. policy and digital strategies. A transatlantic discourse in education research* (pp. 301-309). Verlag Barbara Budrich. <https://doi.org/10.3224/84742299>

Sancho, J. (1990). *Los profesores y el curriculum: fundamentación de una propuesta*